



UM D'ARTAGNAN DE PALETÓ-SACO

Por Decreto de 1841 foi autorizado ao Governo Imperial a criação nas imediações da Corte de um asilo de inválidos. Mas, tudo ainda por fazer, chegou 1864 e o Brasil envolvido com a Guerra do Paraguai, não tinha como proteger seus filhos que retornavam mutilados do campo de batalha.

Finalmente a 29 de julho de 1868, coincidindo com as festividades comemorativas do vigésimo segundo aniversário natalício da Princesa Isabel, inaugurava-se o Asilo de Inválidos da Pátria. Às festas, solenes, compareceu o nosso Imperador como a figura maior. O nosso Dom Luís Antônio dos Santos, sagrado primeiro Bispo do Ceará em 1864, por quem o nosso Antônio Sales nutria profunda admiração, tanto que lhe dedicou um soneto quando de seu falecimento em 1891 e neste livro transcrito, entoara o Te Deum.

O Asilo, hoje desativado, está ainda por merecer a curiosidade e o talento de algum historiador militar para que se lhe levante toda uma vida centenária. Esse estabelecimento foi dirigido entre 11 de abril de 1898 e 22 de fevereiro de 1903 pelo Coronel Reformado Vitorino dos Santos Silva. Vitorino, que fizera parte da guarnição brasileira responsável pela ocupação da fortaleza de Assunção, casara-se lá mesmo com uma formosa senhora paraguaia de nome Elisa, nascendo-lhe, na própria fortaleza, seu filho Aníbal Teófilo de Ladislau y Silva de Figueiredo de Giron de Torres y Espinosa, resumidamente o nosso poeta Aníbal Teófilo.

Voltando ao Brasil, Vitorino reformou-se no posto de Coronel, foi residir em sua terra natal a Bahia. Aníbal viveu por lá até ingressar na nossa Escola Militar do Ceará; aqui se casou com uma moça cearense, prima de Antônio Sales, deu baixa do Exército e retornou para a companhia de seus pais.

E só regressaria Aníbal definitivamente para o Rio quando da nomeação de seu pai para Diretor do Asilo, localizado na formosa e aprazível antiga Ilha de Bom Jesus.

Durante cinco anos Antônio Sales e sua esposa Alice passaram seus domingos em companhia do amigo Aníbal, que os vinha receber na Ponta do Caju. Um escaler, puxado por doze remadores, trazia o casal para aquele recanto bucólico da baía de Guanabara, *"notável pelas altas palmeiras impe-*

riais, que dominavam o casarão, onde se abrigavam os asilados". Os dois amigos andavam ao redor da Ilha realizando descobertas interessantes, caçando, nadando, pescando. Antônio Sales se empolgava com uma das diversões do amigo Aníbal: a pesca a dinamite.

O autor de *A Classicomania* encontrara também servindo no Asilo como seu Secretário, o veterano da Guerra do Paraguai, o fortalezense Frederico Severo, Major honorário do Exército por serviços prestados à República.¹

Aníbal Teófilo era portador de um físico privilegiado e acabaria varado, em 1915, por uma bala disparada por Gilberto Amado, no saguão do Jornal do Comércio. Secretário do Teatro Municipal, amigo e comensal de Coelho Neto, parte integrante da Boêmia Galante com o pseudônimo de Chico Teófilo, tipo de espadachim, ornado por um chapéu de aba larga, temperamento exaltado, alegre, engraçadíssimo, ciranesco, caricaturista verbal, dono de um poderoso sentimento estético, exigente com as suas próprias produções poéticas, vale aqui reproduzir um episódio interessante narrado por Antônio Sales em março de 1940 pelas colunas do Correio do Ceará: *"Aníbal se dirigia ao ponto de embarque para a Ilha de Bom Jesus, quando viu na rua um ajuntamento de curiosos. Aproximando-se para ver do que se tratava, deparou-se-lhe este espetáculo: no meio do grupo um homem da plebe tinha suspenso pelo pescoço um gatinho para o esmagar com os pés, como já tinha feito com três outros, que jaziam a seus pés. Fremente de indignação, Aníbal aproximou-se e quando o sujeito deixou cair o gato e levantou o pé para esmagá-lo, segurou-o pela perna e jogou-o de costas com toda a sua força, que era grande. No meio da estupefação dos circunstantes, ele apanhou o gatinho sobrevivente, lançou em torno um olhar de desafio e seguiu para tomar o escaler. Por sinal que havia ressaca nesse dia, o escaler virou, e ele, que tinha tirado os sapatos e arregaçado as calças para entrar no escaler, teve que nadar para salvar-se, mas sem largar o gatinho, que ainda conheci grande e robusto no vasto solar dos Inválidos da Pátria".*²

Era assim Aníbal Teófilo, amigo e parente de Antônio Sales, que sempre se recordaria com saudade dos muitos dias que passara em companhia dele, cercado do carinho e atenções do velho Vitorino, contemplando a bela baía de Guanabara coalhada de barcos de pesca, imagens que naturalmente o faziam lembrar sua meninice descuidada pelas praias de Parazinho.

NÓTULAS

¹ Poeta, orador popular, teatrólogo, autor das paródias de operetas famosas como *Sinos de Corneville* em Arronches, *Madame Angot* na Monguba, *De Baturité a Lua* representadas com sucesso no antigo Teatro de São José de Fortaleza, abolicionista, fundador e diretor da Escola Pública Mista Honório Ribeiro, inaugurada em 30 de abril de 1899, sob o custeio da Associação Comercial e que concedia ao Major Frederico Severo a subvenção mensal de trezentos mil réis. Faleceu, no Rio, a 11 de maio de 1906.

- 2 Certa vez, aqui em Fortaleza, no Bilhar do Areias, localizado na rua Formosa, Aníbal Teófilo jogava uma partida. Em dado momento um galego começa a alterar com Alcides Mendes. E já iam às vias de fato quando o poeta de A Cegonha, erguendo o taco, partiu-o com violenta pancada na cabeça do arruaceiro. . .

Em janeiro de 1900 Antônio Sales adoece no Rio de Janeiro de febre paratífica e vai convalescer na Fazenda Bom Jesus.² Toma o trem e sai na estação do Barão de Cotegipe, um pequeno arrabal, quatro estações antes de Juiz de Fora. Apenas duas casas de moradia, um armazém ou bazar de roupa e alguns sítios. Despansa um pouco nesse bazar, prepara-se para enfrentar a distância de uma légua, a cavalo, até a referida Fazenda, ocasião em que de repente aparece um rapaz, de sua idade e do nome de João, caixairo de escrita desse bazar, muito interessado em poesia, com poemas publicados nos jornais de Juiz de Fora e dizendo conhecer de Antônio Sales seus versos.

Quando o convalescente chega à Fazenda e, imprecisamente, relata o sucedido, o Major Joaquim Nogueira Jaguaribe confirma o talento do rapaz que, já em Carangola, empregado em uma padaria, andava de namoro com as Musas e mostra-lhe uma carta, em versos, desse mesmo empregado a ele dirigida.

Alguns dias depois Antônio Sales recebe a visita do cearense Belmiro que lhe leva um caderno de versos. É uma semana mais tarde, reunidos num almoço em Cotegipe, o filho de Virgem Grande e os conselheiros e as palavras encorajadoras do noivo poeta.

Restabelecida a saúde e antes de retornar à Marquês, Antônio Sales chega a Juiz de Fora no dia 10 de março e ali passa três dias durante os quais conhece pessoalmente os literatos Conrão de Azevedo, Augusto Franco, Heitor Guimarães, Oscar de Gama, Lindolfo Gomes, J. Paixão, Estácio de Oliveira e José Rangel.³ Aproveita a oportunidade e esboça as qualidades de Belmiro Braga com um longo artigo publicado na imprensa local logo após o retorno: "Zelumbel o mérito de Belmiro Braga perante a roda de jornalistas e literatos maranhenses, que me haviam confiado uma muito distinta e carinhosa". Depois momento em diante novas perspectivas se abrem para o modesto visconde, recebe abraços e cartas de amigos e até mesmo o oferecimento da Editora Figueiredo, de Portugal, interessada no livro de seus poemas, o que efetivamente se dá em 1902 com o lançamento de um livro de estreia, em versos, *Montanhas*, título sugerido por seu padrinho literário Antônio Sales.